

NITSCH, Matthias (2013). *Grundlagen für die Restitution von Swadesh's "basic vocabulary" im "Wörterbuch der Botokudensprache"*. Munique: GRIN Verlag. Pp.252. ISBN 978-3-656-49579-6.

Resenhado por: Rui Rothe-Neves  
(Laboratório de Fonética/FALE-UFMG)

Começa a ser desvendado um mistério de mais de um século na história da linguística indígena brasileira: a biografia de Bruno Rudolph, autor do célebre *Wörterbuch der Botokudensprache* [Dicionário da língua dos botocudos], de 1909. O *Dicionário* é um opúsculo de 85 páginas, acrescido de um prefácio do editor e de uma introdução do autor, publicado pela editora Fr. W. Thaden, em Hamburgo, Alemanha. É unanimemente considerado por seus comentaristas como a maior compilação de termos da língua dos índios “botocudos”<sup>1</sup> do sertão mineiro, com 3272 entradas do botocudo ao alemão e 1403, do alemão ao botocudo, além de exemplos de frases e diálogos. Foi editado por Eduard Georg Seler (1849-1922), considerado o fundador da Americanística alemã e chefe, na época, da seção sobre a América do Museu de Etnologia de Berlim. Seler foi certamente motivado pelas qualidades do *Dicionário* (que avalia criticamente em seu prefácio), entre as quais fazemos aqui notar o cuidado de Rudolph em delimitar a área geolinguística em que obteve seus dados, como explica em sua introdução:

A presente coleção, que representa uma parcela não desprezível do vocabulário dos Botocudos, foi reunida por mim a partir de membros das diversas tribos que habitam as selvas do Mucuri, do Rio de Todos os Santos, São Mateus e do Rio Preto. Pude me certificar de que, em todos, não há diferenças linguísticas essenciais, e também de que, na região, não há índios que pertençam a outra família linguística. (Rudolph, 1909, p.VI-VII)<sup>2</sup>

Apesar dessas e de outras qualidades, sobre o autor do *Dicionário* até agora só se sabia o que dele disse Eduard Seler em seu prefácio à obra: “Foi um boticário alemão que os reuniu, um membro da colônia que ali [no vale do Mucuri] foi fundada por Teófilo Otoni”, em Minas Gerais. A biografia de Rudolph começa agora a ser investigada em fontes primárias, cujos resultados preliminares foram publicados em 2013 no 5º capítulo de Nitsch (2013).<sup>3</sup>

O livro compreende introdução, seis capítulos, e conclusão, que, juntos, perfazem 75 páginas. Mas não se julgue, pelo número de páginas, a abrangência dos temas abordados. A introdução apresenta o objetivo da obra: “Este trabalho tenta colocar os fundamentos

---

<sup>1</sup> O gentílico aparece aqui entre aspas pela compreensão que hoje temos de sua clara inadequação em termos quer linguísticos quer culturais como hiperônimo das etnias cujos membros usavam os botoques, adornos circulares de madeira inseridos em orifícios no lábio inferior e nos lóbulos.

<sup>2</sup> Exceto quando indicado, todas as traduções são nossas.

<sup>3</sup> Trata-se da tese de conclusão de curso, o *Diplomarbeit* de Matthias Nitsch em Ciências Regionais da América Latina, Universidade de Colônia, Alemanha.

para um modelo segundo o qual a fonética e, finalmente, também a estrutura fonológica da língua dos botocudos [tal qual registrada no *Dicionário*] pode ser restaurada.” (p. 1). Para que tal objetivo seja inteligível a seus interlocutores alemães, Nitsch oferece cinco capítulos que preparam o leitor não familiarizado com a linguística indígena brasileira antes de apresentar seu modelo de restituição propriamente dito. Após a introdução, primeiro capítulo (enumerado como “capítulo 2”, p. 4-11) intitula-se “Etnias e línguas indígenas no Brasil” e apresenta um panorama da história e da linguística indígena brasileiras. No capítulo 3, intitulado “As etnias indígenas dos Botocudos” (p. 12-19), apresenta-se a discussão do termo “botocudo”, como surgiu, o que significava à época do *Dicionário*, como se denominavam, como viviam e o território ocupado pelos membros das diversas etnias agrupadas sob esse termo. O capítulo 4 (p. 20-30) trata do que se sabe sobre a língua dos botocudos, numa seção dedicada à sua pesquisa e documentação, em que perpassa as bibliografias e glossários conhecidos, e outra, à sua classificação genética e tipológica, considerando o Krenak como único remanescente dessa família de línguas, opinião pioneiramente sustentada por Seki (1984). O capítulo 5 (p. 31-52) é dedicado ao *Dicionário*, seu autor e contexto de surgimento (dos quais voltaremos a tratar mais adiante), à recepção do *Dicionário* entre os estudiosos brasileiros e alemães, bem como a uma análise metalexigráfica e às deficiências do *Dicionário*.

Em sua análise metalexigráfica (que se refere ao estudo científico de dicionários), Nitsch especifica o tipo, a constituição, a abrangência e a estrutura da obra, mostrando que os lemas devem ser contabilizados não apenas entre as entradas das duas listas de palavras (botocudo-alemão e alemão-botocudo), mas incluindo-se ainda as três partes de episódios, relato e diálogo, que contêm frases e seus equivalentes. Chega, assim, à conclusão de que o *Dicionário* contém 5016 entradas (Tabela 7, p. 41). Ao analisar a estrutura de cada entrada, Nitsch nos mostra que, embora a lista de palavras botocudo-alemão contenha nominalmente 3272 verbetes, cada lema é entrada para um verbete apenas, que não contém demais sublemata morfoss semanticamente relacionados. Por outro lado, a lista de palavras alemão-botocudo, também ordenada alfabeticamente, contém aninhamentos com diversos sublemata, daí resultando sua menor quantidade nominal de 1403 verbetes. Trata-se, portanto, de uma diferença de organização, não de abrangência.

No mesmo nível de detalhe vem a 4ª parte do capítulo (p. 45 et seq.), dedicada às deficiências do *Dicionário*. É sabido que o sistema de notação usado por Bruno Rudolph no *Dicionário* era deficiente, por assistemático, o que já motivara o trabalho crítico de Araújo (1992). Há os problemas de grafia e transcrição, os de morfologia e segmentação, os de semântica e tradução, que organiza em quatro tipos. No tipo 1, Nitsch agrupa os verbetes em que ou vários lemas idênticos na língua de partida são atribuídos a diferentes equivalentes de tradução ou vários equivalentes de tradução são oferecidos para um único lema na língua de partida. No tipo 2, equivalentes de tradução revelam-se simplesmente falsos no cotejo com outras fontes. O tipo 3 reúne paráfrases oferecidas como equivalentes de tradução e, finalmente, no tipo 4 tem-se apenas informação sobre o contexto.

No capítulo 6 (p. 53-63), Nitsch apresenta uma lista de Swadesh a partir dos termos do *Dicionário*. Como se sabe, a lista de Swadesh (1952) compreende aquela centena de palavras que, presentes em todas as línguas conhecidas, permitiriam a análise comparativa. Na primeira seção do capítulo, Nitsch apresenta os fundamentos teóricos do *basic vocabulary* de Swadesh para, em seguida, nos dizer por que se deve fazer um

vocabulário básico a partir do *Dicionário*. Os métodos que utilizou para tanto são o assunto da terceira seção do capítulo, em que compara alguns termos publicados por Rudolph com as versões dos mesmos termos tal como constam em alguns dos 60 glossários conhecidos de palavras do botocudo, todos listados nas referências bibliográficas do livro. No capítulo 7 (p. 64-73) Nitsch concentra-se no método da restituição (Constenla Umaña 2000) propriamente dito, uma vez tendo cumprido as preliminares necessárias nos capítulos precedentes, a saber:

Para a análise dos grafemas, todos os símbolos gráficos utilizados por Bruno Rudolph foram identificados e compilados. Além disso, como exigido por Constenla Umaña, apresentou-se o sistema de transcrição do autor, o momento de origem do material linguístico foi delimitado, investigaram-se algumas características pessoais da grafia, bem como se descreveram características gerais de classificação tipológicas e genéticas da língua, que também podem auxiliar na determinação dos valores sonoros. (Nitsch 2013: 66)

Neste capítulo 7, Nitsch aplica o método de Constenla Umaña, que, segundo nos diz, já foi utilizado “com sucesso” (p. 64) em pelo menos uma língua indígena brasileira que remanesce apenas em listas de palavras (Cayapó do Sul; ver Vasconcelos, 2011). O primeiro passo para restituir o vocábulo correspondente a “cheio”, a título de exemplo, consiste em resguardar-se dos erros de transcrição, sobretudo os de “sub-ou sobrediferenciação grafofonemática” (p. 66). Para isso, Nitsch lista todas as 21 ocorrências do vocábulo, que Rudolph grafa mais frequentemente como “mot”, mas também “mut” e “man”, e lista ainda suas ocorrências em cinco listas de palavras de outros autores (Tabela 12, p. 68). Para controle, lista as ocorrências do vocábulo segundo três autores que registraram falantes do Krenak segundo critérios linguísticos mais apurados. Após análise grafemática no sistema de cada fonte, Nitsch propõe que sua forma fonética mais aproximada deva ser [mæt].

Seguem ainda a conclusão (cap. 8), uma lista com 183 referências bibliográficas e 168 páginas de anexos, com mapas, fotos, a reprodução fac-similar da assinatura de Bruno Rudolph e a lista completa de todas as ocorrências da lista de Swadesh no *Dicionário*.

Infelizmente não se pode avaliar a eficiência do método de restituição de Constenla Umaña para lidar com termos mais controversos ou pior documentados. Eventualmente pelos limites que se impuseram ao trabalho, Nitsch só chegou a restituir um único vocábulo. É essa a maior limitação do trabalho, mas ainda assim no âmbito que se propôs e expressou claramente em seu título “Fundamentos para a restituição...”. Pode ser também sua maior promessa, na medida em que uma futura restituição de mais vocábulos do *Dicionário*, ou ao menos do *basic vocabulary* que contém, seria de grande valia para melhor compreender a língua dos índios que Rudolph estudou. Importante notar aqui que, em que pese os Krenak serem considerados os últimos representantes dos botocudos, Seler afirma no prefácio tratar-se o *Dicionário* de uma coletânea de termos usados pelos Nak-nenuk. Em que medida são esses apenas um outro grupo da mesma etnia daqueles liderados pelo capitão (cacique) Krenak e de quem herdaram o nome é um fato ainda a ser estabelecido e para o que a restituição muito contribuiria.

As maiores contribuições do trabalho são a compilação da lista de Swadesh (anexo 5, p. A12-A168) e as informações biográficas sobre Bruno Rudolph. Tendo preparado uma tabela para cada vocábulo da lista de Swadesh, Nitsch deixa ver no anexo 5 que essas informações estão espalhadas ao longo do *Dicionário*. A mera compilação de todas as suas ocorrências, com entradas em botocudo, alemão e português e a numeração de sua ocorrência do *Dicionário*, além da ocorrência em outras fontes, permitem de imediato o seu uso para futuros trabalhos mesmo por aqueles pesquisadores que não dominam o alemão em que o livro está escrito. Quanto às informações biográficas sobre Bruno Rudolph, dada sua originalidade, permitimo-nos estender essa resenha para traduzir os principais fatos ali contidos.

Friedrich Albert Gustav Bruno Rudolph nasceu em 15/09/1844, filho do corregedor fazendário [Ökonomie-Amtmann] Gustav Albert Rudolph e Adelheid Rudolph (nascida Friedrich), em Paplitz, distrito de Ziesar, no Reino da Prússia. Estudou no ginásio real da cúria de Magdeburg, cursou Farmácia na Universidade de Leipzig e obteve a aprovação como boticário no ano de 1872/1873. Em 10/04/1877, casou-se com Bertha Sophie Louise Reuter. Do casamento nasceram Else e Lothar Rudolph. Em 21/01/1885, Bruno Rudolph deixa o porto de Hamburgo no navio a vapor *Baumwall* e chega ao Rio de Janeiro 28 dias depois. Quatro meses depois seguiram-no sua esposa Bertha e demais membros da família. Os motivos da emigração ainda não são conhecidos. Inicialmente, Bruno Rudolph ganhava a vida no Brasil com a coleta de plantas raras, que enviava ao museu botânico da Universidade Real Friedrich Wilhelm, em Berlin-Dahlem. No mais tardar no ano de 1891, permanece na área de colonização no Mucuri, em Minas Gerais. Ali trabalha na Cia. Estrada de Ferro Bahia e Minas – E.F.B.M., na construção da linha de ferro Caravelas-Araçuai. Sua tarefa é, provavelmente, a assistência médica dos funcionários. Com o avanço da ferrovia selva adentro, Bruno Rudolph encontra os botocudos, que abastece com gêneros alimentícios e trata contra os sintomas da malária. Neste contexto, provavelmente, documenta também a língua dos botocudos. No ano de 1899, a ferrovia alcança Teófilo Otoni, centro da área de colonização no Mucuri. Ali, Bruno Rudolph se estabelece com sua família e conclui no ano de 1903 o trabalho no *Dicionário*. No centro da cidade, abre uma farmácia. (...) Bruno Rudolph faleceu aos 86 anos de idade em 30/05/1930 em Teófilo Otoni. (Nitsch 2013: 33)

São essas as primeiras informações biográficas sobre o autor do *Dicionário* a serem publicadas. Nitsch (2013) traz referências e indicações das fontes primárias (certidões de nascimento, casamento e óbito, histórico escolar etc.), que foram aqui omitidas. Mesmo que esteja documentada ainda de maneira incipiente, é interessante a participação de Rudolph em eventos da comunidade científica.

É de se sublinhar sua participação em três congressos internacionais de americanistas, no ano de 1904 em Stuttgart, em 1915 em Washington e em 1922 no Rio de Janeiro. Nos anais de todos esses congressos, Bruno Rudolph é inscrito como participante e nos últimos dois esteve pessoalmente presente. (Nitsch 2013: 38)

Esses dados, e os demais que porventura os seguirão, são importantes porque demonstram que não se trata de uma obra cujos dados foram colhidos por um viajante curioso que eventualmente atravessou a selva dos vales do rio Mucuri, como quase todos os glossários de língua botocudo documentados desde a famosa viagem do Príncipe Maximilian de Wied-Neuwied, em 1815-1817. Tudo isso, entretanto, deverá ser objeto de pesquisa histórica, um caminho ainda a ser trilhado. Sem dúvida e apesar das naturais limitações do tipo de trabalho que é, Nitsch (2013) tem o mérito de ter dado, nesse caminho, o primeiro passo.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Benedita Aparecida Chavedar (1992). *Análise do Wörterbuch der Botokudensprache*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Campinas, SP: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- CONSTENLA UMAÑA, Adolfo (2000). La Restitución. Un Método Lingüístico Reconstructivo Sincrónico. *Revista de Filología y Lingüística de la Universidad de Costa Rica* 26(2): 161-180.
- NITSCH, Matthias (2013). *Grundlagen für die Restitution von Swadesh's "basic vocabulary" im "Wörterbuch der Botokudensprache"*. Munique: GRIN Verlag.
- RUDOLPH, Bruno (1909). *Wörterbuch der Botokudensprache*. Hamburgo: Fr. W. Thaden.
- SEKI, Lucy (1984). Problemas no estudo de uma língua em extinção. *Boletim da ABRALIN* 6: 109-118.
- SWADESH, Morris (1952). Lexico-statistic dating of prehistoric ethnic contacts: with special reference to North American Indians and Eskimos. *Proceedings of the American Philosophical Society* 96(4): 452-463.
- VASCONCELOS, Eduardo A. (2011). Procedimentos para análise de "listas de palavras" de línguas indígenas: o Cayapó do Sul. *Anais do SETA* 5: 252-266.

Recebido: 10/1/2014

Aceito: 20/2/2014

Versão revista final: 31/3/2014